



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

O DUALISMO CARTESIANO E SUAS PROBLEMÁTICAS CONCEITUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA NEUROCIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE.

Rosimeire de Paula da Silva

Bolsista PROBIC/CNPq, Graduanda em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: ripsilva94@outlook.com

Orientador, José Portugal dos Santos Ramos, Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de
Feira de Santana, e-mail: domluso@gmail.com

Participante do projeto Revolução Metodológica e Revolução Científica do Séc. XVII: O Advento do Método e dos
Ensaio Científicos de Descartes, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de
Santana, site: <http://filosofiacartesiana.uefs.br>

PALAVRAS-CHAVE: Dualismo; Descartes; neurociência.

INTRODUÇÃO

O presente escrito traz aspectos da teoria dualista, desenvolvida pelo francês Rene Descartes, no século XVII, abordando as concepções desse autor para a manutenção de sua tese; e também a crítica a essa teoria, tecida pelo britânico Gilbert Ryle, em sua obra *The Concept Of Mind* (O conceito de mente, na tradução para o Português), que considerou que nela há um erro conceitual tão estridente que simplesmente anularia qualquer possibilidade de haver uma teoria do mental. O objetivo principal ao propor essa confrontação é dilucidar e ao fim assumir as *dificuldades* em implementar uma neurociência se a tese dualista fosse aceita dentro dos moldes científicos ocidentais que desenvolve-se desde Descartes, até nossos dias. Seria a tese dualista forte o suficiente para que os métodos científicos ocidentais que desenvolve-se desde Descartes, até nossos dias, forjassem e sustentassem uma neurociência? E quais as problemáticas conceituais implicadas nisso?

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Na perspectiva dos materiais utilizados estão, as obras de René Descartes, que tratam sobre o problema mente-corpo (*O Tratado do Homem, As Paixões da Alma*, e

outras obras desse escritor e também de interpretes seus); As Obras, *The concept of Mind, de Gilbert Ryle*; e as referências secundárias, apresentadas na referência bibliográfica do plano de trabalho (as significativas contribuições e as indicações de João Fernandes Teixeira, no livro *Mente, Cérebro e Cognição*).

O método principal para um desempenho satisfatório do plano de trabalho proposto é, a leitura/fichamento, e produções de textos descritivos, em vias de abertura para uma análise crítica filosófica, afim de expor pontos de confronto das duas ideias apresentadas (Descartes e Ryle). Para isso, produzimos o escrito científico sob orientação do professor José Portugal dos Santos Ramos; contendo o proposto no plano de trabalho, concomitantemente levando em consideração as experiências trocadas no grupo de pesquisa *Revolução Metodológica e Revolução Científica do século XVII: O Advento do Método e dos Ensaaios Científicos de Descartes*.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O *dualismo*, é uma tese também desenvolvida em René Descartes. Esse grande pensador nasceu na cidade de *La Haye*, numa província francesa e viveu entre 1596 e 1650. E em sua teoria, diz o homem como um composto de duas substâncias; cada uma das substâncias participa de leis diferentes e contrárias, mas de alguma maneira interagem e compõe o homem. Dessas substâncias que Descartes concebe compor o homem, uma é material, chamada de *res extensa*, que do latim significa Coisa extensa; e outra é imaterial, chama por ele de *Res cogitans*, que também é do Latim, e traduz-se por Coisa pensante. Chamamos então, uma substância de *extensão* e outra de *pensamento*, DESCARTES (1979). Nesta teoria, consideremos que Extensão e pensamento, são distintos e contrários, mas de alguma maneira interagem. Mas, o que é mais curioso nesta teoria é que ao contrário da parte material, a substância imaterial não pode ser averiguada, entretanto, ela de alguma maneira se conectaria no corpo, tendo uma melhor aderência em um órgão específico presente no cérebro, que é o local principal dessa conexão. Sobre este órgão, Descartes se refere como *a sede da alma*, DESCARTES (1979). Descartes dá todo um direcionamento as suas respostas objetivando explicar o funcionamento de cada uma dessas partes que compõem o homem e suas funções.

Já na crítica de Gilbert Ryle, que não é contemporâneo a Descartes, argumentou-se um problema na formulação das categorias bases dessa concepção dualista, chamada por ele de “a doutrina oficial” RYLE (2000), entendendo que se uma substância pode ser averiguada, medida, sondada e calculada dentro das leis da Física (importante frisar que a Física cartesiana é aderência a tese de Galileu, ainda vigente no séc. XVII) e outra substância não, e que uma substância é oposta a outra em Leis, é impossível fazer

qualquer análise da substância imaterial. É apontado por Ryle, que as substâncias são distintas e contrárias, entretanto postas em uma mesma categoria de comparação:

Corpos humanos estão no espaço e estão sujeitos às leis mecânicas que governam todos os outros corpos no espaço. Processos e estados corporais podem ser inspecionados por observadores externos. Assim, a vida corporal de um homem é um caso público como as vidas dos animais e dos répteis, e mesmo o modo de ser das árvores, cristais e planetas. Mas as mentes não estão no espaço, nem suas operações são sujeitas às leis mecânicas. O funcionamento de uma mente não é testemunhável por outros observadores; seu modo de ser é privado. Somente eu posso ter conhecimento direto dos estados e dos processos de minha própria mente. Uma pessoa vive entre duas histórias paralelas, uma consiste no que acontece dentro e ao seu corpo, a outra consiste no que acontece dentro e à sua mente. A primeira é pública, a segunda é privada. Os eventos da primeira história são eventos no mundo físico, aqueles da segunda são eventos no mundo mental. (RYLE, 2000, p.1.)

A defesa de Ryle, contra esse ponto da teoria dualista cartesiana, significa que dentro dela não é possível analisar a substância imaterial, ou seja, ninguém tem acesso a essa parte imaterial, a não ser ela mesma. E nesta pesquisa é justamente a correspondência que fazemos daquilo que Descartes, chamou de lá atrás, de *cogito* e ao que hoje na contemporaneidade a neurociência ocidental comporta o estudo do pensamento TEIXEIRA (2000).

Após a introdução, o texto é dividido 3 partes. A primeira, trata sobre a concepção dualista e suas implicações na composição do homem, tal como Descartes concebeu; a segunda, explanando a crítica feita por Gilbert Ryle, a esta teoria; e a última parte, será uma breve conclusão, em que há a comparação da teoria cartesiana pela crítica de Ryle, a fim de relacionar o erro apontado por Ryle, para a teoria de Descartes, com a impossibilidade de forjar um conhecimento científico acerca do mental, tal como concebemos hoje (neurociência), na chamada *ambição científica que caracteriza o nosso século* TEIXEIRA (2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Considera-se desta investigação que, a fim de atingir o objetivo do plano de trabalho: *abordar as problemáticas conceituais entre o dualismo e a neurociência*, resulta-se:

1. Que aceitar a crítica de Gilbert Ryle, á René Descartes, numa defesa da teoria dualista estar obsoleta, é o mesmo que dizer, que a teoria dualista cartesiana não tem mais a força teórico-prática para se sustentar e constituir uma base para investigações demonstráveis, pois ela não pode forjar uma ciência do mental; o mental não pode

existir como objeto de análise científico. Toda a estrutura do argumento dualista cartesiano posto em xeque por Ryle, e esclarecido na crítica feita por ele, revelam em seus conceitos mais básicos uma anulação de qualquer possibilidade de investigação do que seria essa parte imaterial que Descartes, correspondeu como o *cogito*;

2. A neurociência, é herdeira do cientificismo, entretanto ela não caminhou de mãos dadas com o dualismo. Isso, talvez, apoiado em críticas como a de Gilbert Ryle, em considerar que em certo sentido, a teoria dualista não é coerente com os objetivos de uma neurociência. Aceitar um dualismo e investigar o mental seria impossível, desde um ponto de vista neurocientífico, se utilizamos para tal correspondência os argumentos de Ryle;

REFERÊNCIAS

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução de Helena Martins, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

_____. **O Tratado do Homem**. Tradução de Ana Gómes Rabal, 2011

_____. **As Paixões da Alma**. Abril Cultural, São Paulo: 1979

DONATELLI, Marisa Carneiro de Oliveira Franco. **Descartes e os médicos**. Scientia Studia. 2003

_____. **Os excerpta anatomica de Descartes: anotações sobre a fisiologia e a terapêutica**. Sci. stud. vol.6 no.2 São Paulo , 2008

RYLE, Gilbert. **The Concept Of Mind**: Londres: Penguin books, 2000

TEIXEIRA, Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. Rio de Janeiro, 4ª ed. Vozes, 2011